

CONTRADIÇÕES DO TRABALHO, DIREITO HUMANO E DESUMANIZAÇÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE A PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO E A LITERATURA DE FRANZ KAFKA

*CONTRADICTIONS OF WORK, HUMAN RIGHTS AND DEHUMANIZATION:
APPROACHES BETWEEN THE SOCIAL PSYCHOLOGY OF WORK AND THE
LITERATURE OF FRANZ KAFKA*

Maria Eduarda Taveira de Azevedo Lima¹
UPE

Juliano Almeida Bastos²
UPE

Resumo

Para o filósofo Karl Marx, o trabalho constitui a humanidade num sentido existencial. Dentro do sistema capitalista, o trabalho perde este fundamento ontológico e passa a ser vendido como mercadoria, cada vez mais sob condições precárias, que promovem a desumanização e esvaziam a noção de trabalho como direito humano. A Psicologia Social do Trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre capital e trabalho, com ênfase na vivência dos trabalhadores para uma compreensão aprofundada dos fenômenos humanos no trabalho. A metamorfose, de Franz Kafka. Neste artigo, realizou-se uma revisão narrativa em dois movimentos: primeiro, foram mapeados artigos sobre o processo de desumanização vivenciado pelo personagem de Franz Kafka em sua obra *A metamorfose* e, em seguida, textos que abordavam a desumanização pelo trabalho, buscando uma associação entre essas fontes. Os resultados mostraram que os artigos sobre a desumanização de Gregor Samsa associavam esse processo a diversos elementos que constituem a humanidade de um ser, e abordaram a atividade do trabalho como característica complementar. Já aqueles sobre a desumanização no trabalho contemporâneo apontam questões como: jornada de trabalho, precarização, uberização e saúde do trabalhador. A articulação entre os materiais permitiu concluir que a metamorfose do protagonista de Franz Kafka se deu em razão do trabalho, assim como, na contemporaneidade, o trabalho tem sido fonte de desumanização.

Palavras-chave: A metamorfose, desumanização no trabalho, direitos humanos, Psicologia Social do Trabalho.

Abstract

For the philosopher Karl Marx, labor constitutes humanity in an existential sense. Within the capitalist system, labor loses this ontological foundation and becomes a commodity, increasingly under precarious conditions that promote dehumanization and empty the notion of work as a human right. Social Psychology of Work proposes a critical reflection on the relationship between capital and labor, emphasizing the experiences of workers for a deeper understanding of human phenomena at work. In this study, a narrative review was conducted in two movements: first, articles were mapped regarding the process of dehumanization experienced by the character in Franz Kafka's work, "The Metamorphosis". Subsequently, texts addressing dehumanization through labor were examined, seeking to establish a connection between these sources. The

¹ Bacharela em Psicologia pela Universidade de Pernambuco/Campus Garanhuns. E-mail: eduarda.azevedo@upe.br

² Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), com período sanduíche no Atelier de Psicologia do Trabalho da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Mestrado em Psicologia, Especialização em Gestão Hospitalar e Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Professor Adjunto no Curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco/Campus Garanhuns.

results showed that articles on Gregor Samsa's dehumanization associated this process with various elements that constitute the humanity of a human being, considering work as a complementary characteristic. In contrast, those focusing on dehumanization in contemporary work pointed to issues such as: work hours, precariousness, gig economy, and worker health. The connection between these materials allowed us to conclude that the protagonist's metamorphosis in Franz Kafka's narrative was due to labor, just as work today has become a source of dehumanization.

Keywords: *The Metamorphosis, dehumanization in work, human rights, Social Psychology of Work.*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho está presente nas sociedades desde os tempos mais remotos. Os primeiros registros sobre essa ação humana apontam que, inicialmente, os seres humanos se organizavam através do trabalho com o intuito de garantir a sobrevivência e satisfazer suas necessidades, além de promover a manutenção de suas vidas individuais e coletivas (FREITAS et al., 2020; NEVES et al., 2018). A história do trabalho confunde-se com a própria história da humanidade, uma vez que essa relação se faz presente desde o início do desenvolvimento humano. Com o aperfeiçoamento dos meios de executar o trabalho, houve também um incremento das habilidades humanas, indo além das necessidades de sobrevivência para desenvolver outras potencialidades (LUZ & BAVARESCO, 2010).

É clássica e amplamente conhecida a afirmação de Karl Marx (1867/2013) sobre o trabalho como um processo no qual o ser humano interage com a natureza e a modifica através de suas ações, regulando-a e controlando-a, e que nessa interação ele mesmo também se modifica, transformando e desenvolvendo sua própria natureza. Para Marx, portanto, o trabalho compreende uma condição da existência humana.

No capitalismo, o trabalho corresponde ao uso da força de trabalho para a produção de mercadorias, mediante pagamento. A posse do resultado dessa produção pertence àquele que compra a força de trabalho (MARX, 1867/2013), e o trabalhador se torna, ele próprio, uma mercadoria. Nessas condições, não se trabalha mais para produzir a existência, mas visando garantir a sobrevivência, adaptando-se às exigências e destituindo-se o sentido existencial do trabalho (RIBEIRO, 2019).

Antunes (2004) destaca que, enquanto mercadoria, a força de trabalho torna-se “meio e não primeira necessidade de realização humana” (p. 8), o que esvazia o sentido do trabalho como direito humano e o transforma num meio de alienação. A alienação diz respeito mais do que à perda do produto do trabalho, mas também sobre a atividade em si, o ato produtivo, pois torna constante a insatisfação e o não reconhecimento no trabalho. Desse modo, “o ser social torna-se um ser estranho frente a ele mesmo: o homem estranha-

se em relação ao próprio homem, tornando-se estranho em relação ao gênero humano [...]” (ANTUNES, 2004, p. 9).

No curso da história, a atividade do trabalho passou por modificações expressivas em sua forma de organização nos coletivos humanos, em especial, devido aos modos de produção. Gomes (2021) define que um modo de produção é a maneira como um grupo social organiza sua produção e contato com a natureza através do trabalho.

Borges e Yamamoto (2014) afirmam que o trabalho é múltiplo em seus sentidos, sobretudo graças à construção de ideias e significados atribuídos a tal atividade no transcorrer do tempo. O trabalho na Grécia Antiga, por exemplo, era tido como atividade dos escravizados. Conforme Ferreira (2019), já nesses primeiros conjuntos sociais tinha-se a exploração do trabalho. Já na Idade Média, a organização social possuía outros modos de produção, especialmente vinculados à agricultura e ao artesanato. Durante o feudalismo, os trabalhadores eram tidos como servos, não obstante de modo compulsório e com base na exploração da população camponesa (BATISTA, 2014; COSTA, 2016; JUNIOR et al., 2017).

Com o surgimento das indústrias, os modos de produção passaram por significativas modificações devido aos avanços tecnológicos em seus respectivos períodos (SAKURAI & ZUCHI, 2018). As chamadas Revoluções Industriais, para Pasquini (2020), consistem também nos resultados das transformações nos meios sociais e modelos políticos de suas épocas, e é a partir do rompimento com o feudalismo que a estrutura social passa por mudanças como a ascensão da urbanização, a produção industrial e a divisão social da burguesia e do proletariado (COSTA, 2016).

Fatores como o impulso do comércio e a importação de mercadorias, a produção e o consumo em massa, o incremento e o desenvolvimento tecnológico nos processos produtivos e o processo de acumulação e a consolidação do capitalismo justificam a existência de várias revoluções industriais (DATHEIN, 2003; PASQUINI, 2020; SILVA, 2022). O processo de industrialização foi resultado destes e outros movimentos que refletiram em alterações socioeconômicas estruturais, cada qual em diferentes épocas e momentos.

No Brasil, a história do trabalho remete ao processo de colonização e à escravização das populações negras e indígenas. Os povos originários e os trazidos pelos invasores foram subjugados à força e submetidos a severos e desumanizantes métodos de trabalho. Os colonizadores dominavam não somente a força de trabalho, mas também seus corpos e vidas como um todo, e essa população, sem direitos, compunha as camadas populares formadas

por negros, mulatos e os nascidos livres, após a abolição e o enfraquecimento do sistema escravocata, em situação de desigualdade social e econômica (BEZERRA & GOMES, 2019).

Até a primeira metade do século XX, a economia no Brasil era ainda dominada pelo setor primário. O trabalho permanecia desvalorizado e não cessava a pobreza, mesmo depois da transição dos meios forçados, como a servidão e a escravidão, para a subordinação da mão de obra livre (POCHMANN, 2014).

Por volta de 1930, com o incentivo federal à industrialização, as relações entre capital e trabalho passaram a ser mediadas e regulamentadas para os trabalhadores urbanos, uma vez que Getúlio Vargas buscava conceder leis que protegessem a classe trabalhadora. A criação do Ministério do Trabalho em 1930 e a Lei de Sindicalização, em 1931, são exemplos (BASTISTELLA, 2015; SILVA, 2022). A Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), aprovada em 1943, compreendeu uma série de leis que tinham como intuito proteger e assegurar os direitos dos trabalhadores, como também regular suas relações individuais e coletivas com empregadores. Por fim, também no contexto brasileiro, destacam-se as lutas e reivindicações para promover melhorias coletivas, bem como de assegurar o cumprimento dos direitos conquistados pela classe trabalhadora no decorrer da história do país (SILVA, 2022).

1.1 A Psicologia Social do Trabalho

A Psicologia Social do Trabalho (PST) é uma perspectiva que busca compreender o trabalho como um fenômeno psicossocial, complexo e determinado pelas relações de poder que configuram o contexto social mais amplo. Suas intervenções estão direcionadas a contribuir com a transformação das condições de exploração dos trabalhadores, em campos de atuação diversos. Para a PST, a relação antagônica entre capital e trabalho é o ponto de partida para se construir uma compreensão acerca do trabalho, por exemplo no que diz respeito às dimensões subjetivas dos trabalhadores, a partir da ênfase na historicidade de suas relações. (BERNARDO et al., 2015/2017).

Considerando o interesses dos autores acerca da relação entre subjetividade e trabalho, assim como o interesse pela literatura mundial, propõe-se neste estudo observar o fenômeno da desumanização atrelado ao trabalho, partindo da inquietação surgida através da leitura de um dos clássicos da literatura alemã, *A metamorfose* (1915/2019), do escritor Franz Kafka, e da curiosidade acerca do que se discute sobre a transformação vivenciada pelo personagem da obra. Busca-se elaborar aproximações possíveis entre a narrativa da novela, as contribuições da literatura científica a respeito do texto de Kafka sobre a

desumanização, e associá-las à literatura científica que trata do processo de desumanização no trabalho na contemporaneidade. A PST é a perspectiva aqui adotada.

As relações entre Psicologia e Literatura são bem destacadas por Santos et al. (2018). Por um lado, os autores delinham os distanciamentos entre estes dois campos e seus modos de produzir conhecimento, mas, por outro, não deixam de destacar e valorizar as possibilidades de aproximações que podem ser suscitadas entre eles e as contribuições dessa interdisciplinaridade. Se por uma via a Psicologia busca interpretar o ser humano e entendê-lo, a Literatura segue por um caminho de criatividade e imaginação livres, sem que, no entanto, deixem de ter em comum o intuito de “compreender o desenvolvimento de seus sujeitos, reais/personagens ficcionais, respectivamente, através dos conflitos e problemas que estes apresentam seja na vida, seja no enredo” (SANTOS et al., 2018, p. 768).

Os conceitos de “humano” e “desumano”, analisados por Rego (2015, p. 15), constituem pontos de aproximação com uma compreensão existencialista da humanidade. Com base no pensamento sartriano, o autor destaca a ideia de humanidade como algo da ordem de uma possibilidade, um projetar-se continuamente, em um processo de “humanizar-se”. Em linhas gerais, essa humanização é constante, processual e pode se efetivar de acordo com aquilo que escolhemos fazer ou ser de nossas vidas (REGO, 2015).

Retomando a definição marxista de trabalho, reconhecemos a transição do ser orgânico para o ser social e o porquê, nesse sentido, compreende-se o trabalho como meio de humanização (FERREIRA, 2019), permitindo ao ser aquele projetar-se mencionado por Rego (2015). Por outro lado, o que se propõe é entender a desumanização como uma limitação do que Harvey (2010) denomina como “potencial criativo do trabalho” (p. 121), ou, em outras palavras, um impedimento da constante possibilidade de humanização do ser através do trabalho.

A alienação do trabalho, característica do sistema capitalista, corresponde a uma das formas de se efetivar essa impossibilidade, retirando do trabalhador a perspectiva daquele processo (MARX, 1867/2013; REGO, 2015). Com esse entendimento, não se pretende limitar a desumanização a essa única compreensão, mas tomá-la como referência ao que se buscou visualizar a partir da obra *A metamorfose*.

1.2 Franz Kafka e A metamorfose

Franz Kafka (1883-1924) foi um advogado e um dos maiores escritores alemães do século XX. Nascido em Praga, então Império Austro-Húngaro, era o filho mais velho de uma família judia. Aos 25 anos, começou a trabalhar no Departamento de Seguros de

Acidentes dos Trabalhadores³. Sua vida como trabalhador foi motivo de insatisfação e mal estar, pois o curso e o exercício profissional como advogado não eram de seu genuíno interesse. No rascunho de uma correspondência, transcrita em um de seus diários, ele admite:

Meu emprego me é insuportável porque vai contra meu único anseio e minha única vocação: a literatura. Como não sou nada além de literatura, nem posso ou quero ser, meu posto jamais me atrairá, mas poderá decerto arruinar-me por completo [...] (KAFKA, 1913/2021, s.p).

Em 1915, publicou sua obra mais conhecida, *A metamorfose*, na qual narra a história do caixeiro-viajante Gregor Samsa, e que se inicia da seguinte forma:

Quando Gregor Samsa, certa manhã, despertou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso. Estava deitado sobre as costas duras como couraça e viu, quando ergueu um pouco a cabeça, a barriga abaulada, marrom, dividida em segmentos arqueados, sobre a qual o lençol, pronto para deslizar por completo, já mal se segurava. Suas muitas pernas finas, deploráveis em comparação com as dimensões de seu corpo, sacudiam-se desajeitadas diante de seus olhos (KAFKA, 1915/2019, pp. 27-32).

Apesar do absurdo, o personagem não parece verdadeiramente perturbado pela situação, e empenha-se para manter sua rotina tendo em vista a necessidade de trabalhar. No entanto, ao gerar um atraso incomum por não conseguir se levantar, causa suspeitas em meio à família e ao emprego, a ponto do próprio gerente ir lhe cobrar satisfações à porta de seu quarto. A novela se desenrola ao redor das consequências da metamorfose de Gregor, resultando por fim em sua morte.

É preciso salientar que interpretar uma obra não é tarefa linear, sobretudo porque a apresentação e construção da história não necessariamente precisa ser objetiva a esse ponto. No entanto, Franz Kafka lança ao leitor a ideia de maneira escancarada: um certo dia, o personagem acorda e se vê “insetificado”, e uma de suas primeiras ações perante o fato é lamentar sua função no trabalho:

“Ah, Deus”, pensou, “que trabalho penoso foi escolher! Dia após dia viajando. As agitações comerciais são bem maiores do que na própria sede da empresa e, além disso, ainda me impõem essa vexação que é viajar, as preocupações com baldeações, as refeições irregulares, ruins, um convívio humano que sempre muda, nunca perdura nem se torna afetuoso. Que o diabo carregue tudo isso!” (KAFKA, 1915/2019, pp. 34-35).

É a partir do relato de Gregor Samsa que pensamos que essa instância, o trabalho, tem um poder tamanho sobre o sujeito a ponto de destituí-lo de sua condição de origem,

³ Tradução nossa. Essa e outras informações estão presentes no Museu Franz Kafka: <https://kafkamuseum.cz/en/franz-kafka/>.

sob o risco de “sofrer na pele” as consequências dessa influência, principalmente quando entendemos que Gregor, sendo mais do que um personagem acometido pela criatividade de seu criador, pode também ser enxergado como uma alegoria de diversos processos contemporâneos — concebidos de maneira geral através das transformações nas relações sociais e, mais especificamente, nas relações de trabalho.

A partir do que foi apresentado, a proposta deste estudo consiste em realizar uma articulação entre a produção científica acerca do processo de desumanização no trabalho na contemporaneidade com o processo de desumanização que se opera no personagem Gregor Samsa, no campo da literatura, narrando quais aspectos prevalecem sobre o tema, e assim contribuir para a discussão acerca da temática a partir da Psicologia Social do Trabalho. Pretende-se observar mais profundamente a relação do personagem com o seu trabalho, principalmente após a metamorfose, considerando os prejuízos aos seus direitos, às suas relações sociais e às suas vivências enquanto trabalhador.

2. MÉTODO

A revisão narrativa da literatura foi a estratégia de revisão adotada. Esse método é caracterizado como qualitativo e busca agregar informações produzidas em torno de um tema (ANDRADE, 2021). Sua importância reside na atualização da questão tratada, sendo útil sobretudo “na descrição do estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual” (CASARIN et al., 2020, p. 1). Essa modalidade de revisão corresponde a uma interpretação e análise crítica, portanto, não necessariamente, compreende uma metodologia rígida, seja na busca de referências ou na seleção dos trabalhos (ROTHER, 2007).

A busca pelos materiais se deu a partir de dois movimentos. Primeiro, foram mapeados artigos que abordassem a metamorfose e discutissem sobre a desumanização de Gregor Samsa. Com a dificuldade de encontrar materiais em bases de dados mais específicas, optou-se por uma busca ampliada, acessando a base de dados Google Acadêmico, tendo em vista a pluralidade de repositórios, revistas e fontes de referências que a plataforma consegue abarcar. Assim, utilizando os descritores “Gregor Samsa e Desumanização” e “Gregor Samsa e Trabalho”, foram escolhidos 5 artigos a partir da leitura integral dos mesmos. Em um segundo momento, com base nos primeiros achados, foram catalogados materiais que discutissem sobre desumanização pelo trabalho na contemporaneidade, e dessa busca 5 artigos foram selecionados.

As tabelas adiante apresentam título, autoria e ano de publicação dos materiais. Na discussão, estes serão identificados pelo sobrenome dos autores, seguido do ano de publicação entre parênteses e com a numeração indicada na primeira coluna da tabela junto à letra que identifica cada tabela entre colchetes. Ex: Castro e Leão, (2020) [ARTIGO 5A] ou Abílio, (2020) [ARTIGO 4B].

Esse procedimento de identificação foi adotado para diferenciar os artigos que compõem o material empírico da pesquisa das referências bibliográficas que foram utilizadas para compor a discussão e enriquecer a análise.

Tabela 1 - “A”

Artigos sobre a desumanização em “A metamorfose”

Número	Título do artigo	Autor/a (es)	Ano de publicação
1	A metamorfose e a desumanização de Gregor Samsa	Cyrino, L.	2018
2	Do humano ao inseto: a negação da humanidade em <i>A metamorfose</i> de Franz Kafka	Teixeira, C. M.	2021
3	Desumanização e literatura: uma visão do homem fragmentado <i>A metamorfose</i> de Franz Kafka	Oliveira, A. F.; Lira, C.	2021
4	A literatura kafkiana e a percepção do mundo moderno	Wey, B.; Ferraz, I.	2014
5	A metamorfose e o campo da saúde mental de trabalhadores: uma análise bakhtiana	Castro, A; Leão, L.H.	2020

Fonte: elaboração própria

Tabela 2 - “B”

Número	Título do artigo	Autor/a (es)	Ano de publicação
1	Os problemas da desumanização, do assujeitamento e das resistências frente aos imperativos socioeconômicos atuais: considerações sobre as relações sociais e de trabalho	Casadore, M. M.; Castro, M. F.	2018
2	O golpe sobre o trabalho: retrocesso e desumanização	Carvalho, S. R.	2019
3	A desumanização do trabalho na era da flexploração	Areosa, J.	2015
4	Uberização: a era do trabalhador <i>just-in-time</i> ?	Abílio, L. C.	2020
5	Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia	Uchôa de Oliveira, F. M.	2020

Artigos sobre trabalho e desumanização na contemporaneidade
 Fonte: elaboração própria

3. DESENVOLVIMENTO

Para Gregor Samsa, ser caixeiro-viajante é motivo de lamento, por razões que vão desde o comprometimento nas relações que estabelece, impedindo-o de formar vínculos, até os desconfortos referentes à própria ocupação, como os deslocamentos e a alimentação irregular.

Considerando as reverberações da metamorfose, os tópicos seguintes apresentam as contribuições da literatura sobre a temática da desumanização do personagem Gregor Samsa em paralelo à realidade contemporânea da desumanização no trabalho.

3.1 Fatores da (des)constituição humana: a linguagem e os direitos

Duas referências da Tabela 1 - “A” associam a desumanização a elementos fundamentais dos seres humanos: a linguagem e os direitos humanos universais. Cyrino (2018) [ARTIGO 1A] explora a diferenciação entre a linguagem humana e a linguagem das coisas, com base em um ensaio de Walter Benjamin (1992), no qual argumenta que a linguagem humana permite ao ser humano transmitir sua “essência espiritual”, diferentemente de outros seres, e que lhe confere uma posição superior em relação a eles.

Partindo desta prerrogativa, questiona a possibilidade do ser humano se tornar inferior às coisas nessa hierarquia e considera que, a partir do processo da perda de comunicação, fruto de uma metamorfose — como se opera em Gregor Samsa —, tem-se a perda da própria humanidade. Também notou-se neste material um destaque ao modo como a família Samsa reage à metamorfose. Aproximando essas ideias às de Casadore e Castro (2018) [ARTIGO 1B], percebeu-se uma expressiva dualidade referente à postura dos personagens. A partir de Paul Singer (2001), os autores distinguem duas formas de interação social: as competitivas, associadas a uma dinâmica hierárquica e destrutiva (como nos meios político e de trabalho), e as ações solidárias, relacionadas à cooperação (como atividades familiares e comunitárias), e constatam que o que tem prevalecido no cotidiano são as ações competitivas, que não fazem mais parte somente das relações de trabalho, mas têm se ampliado para outros âmbitos sociais das interações humanas, já que estas se referenciam nos modelos de relação de trabalho. Dentre as características desse tipo de ação, destacam-se a necessidade de vencer e controlar o outro, sempre com o objetivo de conquistar algo.

Associando as ideias dos dois textos, observa-se que a família Samsa manifesta uma postura competitiva, refletindo a superioridade hierárquica e a desumanização de Gregor. Tal exercício de poder é efetivado através da linguagem, como diz Cyrino (2018) [ARTIGO 1A], no qual Gregor Samsa é “vencido”, nos termos de Casadore e Castro (2018) [ARTIGO 1B]. Uma vez que a inferioridade é nomeada e concretizada através da categorização da família, o posicionamento adotado pelos familiares explicita a superioridade em relação a Gregor, como se vê no trecho a seguir partindo da irmã mais nova:

— Queridos pais — [...] assim não dá para continuar. Se por acaso não compreenderam, eu compreendo. Não quero dizer o nome do meu irmão na frente desse monstro e, por isso, eu digo: precisamos dar um jeito de nos livrarmos dele. [...] (KAFKA, 1915/2019, p. 170-171, ênfase nossa).

A dualidade consiste nas posições assumidas pelos personagens diante da metamorfose: superiores/inferior e vencedores/vencido. Há uma postura e um exercício de poder sobre esse outro de modo semelhante ao que se concebe nas relações de trabalho, reproduzindo os mesmos moldes, como apontaram Casadore e Castro (2018) [ARTIGO 1B]. O nome do irmão torna-se superior à coisa vista, o pai passa a agir de modo violento com Gregor Samsa e, por fim, a morte é o desfecho para o monstro que foi inferiorizado pela família. Naquele trecho, a irmã impõe sua superioridade pela nomeação do objeto indesejável, que precisa ser “eliminado” pois foi “vencido” — nesse caso, derrotado, efetivando (ou pelo menos reafirmando) a desumanização do mesmo.

Ainda na Tabela 1- “A”, Teixeira (2021) [ARTIGO 2A] observou a desumanização de Gregor Samsa a partir de sua dedicação ao trabalho como caixeiro-viajante e da negligência da família diante de sua metamorfose, associando a realidade apresentada com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, da qual se parte do pressuposto de que todos os seres humanos são assim considerados e reconhecidos pelos demais como ele, e que isto os garante direitos iguais e inalienáveis — dentre estes, o direito ao trabalho digno.

O que se vê na obra de Franz Kafka é uma subversão desses princípios, pois Gregor Samsa atribui sua estranha mudança ao trabalho e, segundo seus relatos, a profissão não lhe possibilitava condições dignas de trabalho. Sua realidade é afastada daquilo que já foi introduzido: do trabalho como meio de humanização. Apesar de tudo, o personagem reconhece a profunda dependência do emprego em favor de sua família para garantir-lhes o sustento e quitar a dívida dos pais. A autora argumenta que Gregor, ao sacrificar sua dignidade para sustentar a família, submetendo-se a essa situação, acaba desumanizado quando não pode mais cumprir esse papel.

A discussão sobre a dedicação exclusiva ao trabalho fornece uma articulação entre as proposições acima e as ideias de Carvalho (2019) [ARTIGO 2B], para quem o trabalho no capitalismo demanda que a humanidade dos indivíduos seja rebaixada e que não haja mais identificação nem com as necessidades típicas humanas nem as animais, gerando a desumanização. Também neste artigo, são discutidas as consequências da Reforma Trabalhista no Brasil e seus impactos sobre a classe trabalhadora, tendo em vista que dentre as mudanças, está a possibilidade de aumento da jornada de trabalho para 12h diárias, o que “obriga o trabalhador a dedicar mais horas do seu dia na realização de atividades para garantir sua subsistência, aliena uma maior parte do seu dia em troca de um salário” (CARVALHO, p. 144) [ARTIGO 2B].

O tempo é o campo do desenvolvimento humano. O homem que não disponha de nenhum tempo livre, cuja vida — afora as interrupções puramente físicas, do sono das refeições etc. — esteja toda ela absorvida pelo seu trabalho para o capitalista, é menos que uma besta de carga. É uma simples máquina, fisicamente destroçada e brutalizada intelectualmente, para produzir riqueza para outrem (MARX, 1898, citado em ANTUNES, 2004, p. 88).

O que vemos em Gregor Samsa é algo semelhante a essa realidade. Embora não se saiba a jornada de trabalho do personagem, toda evidência de sua rotina narrada nos leva a ver que, além das necessidades de deslocamento das viagens (o que tomaria grande parte de seu tempo, uma vez que são feitas de trem) ele, inevitavelmente, tende a retornar às demandas do trabalho quando fora dele, ocupando-o quase de forma integral.

Teixeira (2021) [ARTIGO 2A] diz que é exatamente por desempenhar essa função de provedor que Gregor Samsa era visto como alguém digno, não primordialmente por ser um ser humano, além de responsabilidades e atribuições, como preza a Declaração Universal. Para a autora, no momento em que não é mais capaz de trabalhar e sustentar a família, há a negação da humanidade de Gregor. Além disso, destaca que ao apresentar um personagem num contexto como esse, Franz Kafka mostra também o valor de uma vida vinculado ao quão útil ela é no meio social, seja ele familiar ou numa sociedade no sentido amplo.

3.2 A desumanização como o retrato de uma época e de um sistema

Outro aspecto visto na literatura científica indicada na Tabela 1 - “A” sobre a desumanização de Gregor Samsa corresponde ao contexto histórico que permeia a novela e sua escrita. Duas fontes observaram a modernidade e a ascensão do capitalismo como aspectos inseridos nos desdobramentos da novela kafkiana, sendo elas: Oliveira e Lira (2021) [ARTIGO 3A] e Wey e Ferraz (2014) [ARTIGO 4A].

A priori, Oliveira e Lira (2021) [ARTIGO 3A] consideram a forma como a desumanização foi construída em *A metamorfose* como uma metáfora da modificação física e psíquica provocada pelo capitalismo sobre os indivíduos, afetando também o modo como a escrita literária retratava essa realidade. Citando Stuart Hall (2005) sobre a identidade moderna e seu processo de fragmentação, afirmam que uma vez que conservava uma identidade, o sujeito possuía uma fixidez no meio social, ligada à forma como ele era percebido socialmente; sem ela, por outro lado, isso lhe acarretava uma crise e a ruptura com essas construções. Desta forma, ao se transformar em inseto, quando não consegue corresponder às demandas do trabalho e do sustento da casa, Gregor Samsa contraria a imagem do homem organizado, leal e dedicado ao trabalho que anteriormente possuía como identidade. Outros aspectos narrados que também constituíam essa “imagem” eram, por exemplo, ser dedicado e jamais ter se ausentado em seus cinco anos como caixeiro-viajante⁴.

Semelhantemente, Wey e Ferraz (2014) [ARTIGO 4A] discutem sobre as implicações da modernidade no processo da desumanização de Gregor Samsa, valorizando como Kafka retratou em suas obras o contexto econômico que vivia (o desenvolvimento tardio do

⁴ “Outros caixeiros-viajantes vivem como mulheres de harém. Quando eu [...] volto à hospedaria para transcrever os pedidos obtidos, esses senhores estão sentados tomando café da manhã. Tentasse eu fazer tal coisa com meu chefe, seria jogado no olho da rua na mesma hora. [...]” (Kafka, 1915/2019, p. 35-36).

“[...] O que aconteceria se ele alegasse que estava doente? Seria deveras embaraçoso e suspeito, pois Gregor nunca tinha estado doente durante seus cinco anos de serviço. [...]” (Kafka, p. 38).

capitalismo do Império Austro-Húngaro) e as novas formas de organização da burguesia — com um personagem infeliz nessa e em outras produções que analisam junto d'A metamorfose. A mudança sofrida por Gregor Samsa é um recurso estético usado por Kafka para expor a desumanização do indivíduo no capitalismo. Assim, de modo a compreender melhor essa estrutura, os autores apontam os conceitos marxistas de alienação e fetiche de mercadoria.

É possível fazer uma interpretação que se associa às constatações das duas referências citadas, além de articulá-las com um entendimento mais amplo das influências que se discutem nos dois materiais. Apontado na Tabela 2- “B”, Areosa (2015) [ARTIGO 3B] destaca a importância do trabalho como parte fundamental da construção das identidades individuais e coletivas dos seres humanos, porém, afirma que apesar dos avanços decorrentes das tecnologias na organização dos modos de produzir, essa ampla capacidade produtiva não é proporcional à melhoria ou à qualidade dessa produção; e isso está associado ao capitalismo, à precariedade do trabalho e à exploração dos trabalhadores, já que estes passam a ser desumanizados, através do desemprego, por exemplo. Nesse contexto perde-se então a “identidade” de trabalhador, uma vez que o capital torna-se maior que o ser humano, a precarização acarreta a fragilização dos coletivos e conseqüentemente ocorre uma maior exploração dos trabalhadores.

Marx (1932/2004) afirma nos “Manuscritos Econômicos e Filosóficos” que o trabalho no capitalismo não produz apenas mercadorias, mas também ao trabalhador como uma destas. Nesse movimento, quanto mais mercadorias ele cria, mais barato se torna, pois quanto mais se valorizam as coisas, menos se valoriza o ser humano. O produto do trabalho se torna algo que não pertence ao trabalhador, algo estranho a ele, provocando entre ambos um distanciamento, e isso torna o trabalhador alienado não apenas em relação ao objeto produzido, mas ao próprio ato do trabalho, bem como de si mesmo — daí, portanto, o sentido de alienação apontado em Wey e Ferraz (2014) [ARTIGO 4A].

Quando os produtos do trabalho se tornam mercadorias, por outro lado, assumem um caráter outro que pode ser explicado como algo das relações sociais dos seres humanos ali refletidas, como “propriedades sociais que são naturais a essas coisas [as mercadorias]” (MARX, 1867/2013, p. 206). Por isso, Wey e Ferraz (2014) [ARTIGO 4A] observam que elas passam a ter características humanas, e que “Essa humanização da mercadoria faz com que as relações humanas passem a ser mediadas e transformadas em relações de coisas (mercadorias ou dinheiro)” (p. 162); situando assim, a concepção trazida acerca do fetiche de mercadoria.

Partindo do que foi apontado, vê-se a identidade e as relações de Gregor Samsa enquanto trabalhador profundamente atravessadas pelo que Areosa (2015) [ARTIGO 3B] e Marx (1867/2013; 1932/2004) explicam. Oliveira e Lira (2021) [ARTIGO 3A] e Wey e Ferraz (2014) [ARTIGO 4A] afirmam que a metamorfose sofrida pelo personagem é um reflexo das forças e das transformações advindas do capitalismo, da fragmentação e do rompimento com as estruturas identitárias preexistentes naquele contexto. A realidade retratada pela novela reforça ainda mais a desvalorização do ser humano por meio dessas mesmas forças e estruturas, de modo que não se escapa de seu poder e sacrifica-se muito a fim de mantê-lo operando incessantemente (Oliveira & Lira, 2021; Wey & Ferraz, 2014) [ARTIGO 3A] e [ARTIGO 4A].

Além disso, o citado estranhamento do trabalhador já imperava desde antes da transformação, pois Gregor Samsa é categórico quando reflete sobre a possibilidade de sair do emprego, indicando ainda mais sua não identificação e realização com o mesmo:

“[...] Se eu não me contivesse por causa de meus pais, já teria me demitido havia muito, iria até o chefe e lhe diria o que penso do fundo do coração. Ele despencaria da mesa! [...] Ora, a esperança ainda não se perdeu totalmente: assim que eu juntar dinheiro para lhe pagar a dívida de meus pais — o que ainda deve levar mais cinco ou seis anos — farei isso mesmo. Então, cortarei todos os laços. Por ora, no entanto, preciso me levantar, pois meu trem parte às cinco” (Kafka, 1915/2019, p. 36).

Wey e Ferraz (2014) [ARTIGO 4A] também analisam outros personagens da novela, entre eles, a figura do gerente. Aparecendo na casa de Gregor Samsa em busca de satisfações sobre seu atraso para pegar o trem e viajar, ele enfatiza, diante da família, a falta de compromisso do trabalhador. No momento em que a mãe intercede pelo filho para ajudá-lo, o gerente a responde:

— Minha cara senhora, para mim não é possível explicar isso de outra forma — disse o gerente —, e espero que não seja nada sério. Mesmo que, por outro lado, eu precise dizer que nós, gente do comércio, feliz ou infelizmente, como queira, com frequência precisamos superar um leve mal-estar em consideração às demandas comerciais (KAFKA, 1915/2019, p. 53).

Wey e Ferraz (2014) [ARTIGO 4A] afirmam que o gerente representa uma personificação do capitalismo, uma vez que apenas responde às demandas, sem questioná-lo. Articulando essa proposição ao que é dito no prefácio do livro *I d'O Capital*, vemos Marx (1867/2013) apontar que:

[...] De modo algum retrato com cores róseas as figuras do capitalista e do proprietário fundiário. Mas aqui só se trata de pessoas na medida em que

elas constituem a personificação de categorias econômicas, as portadoras de determinadas relações e interesses de classes. Meu ponto de vista, que apreende o desenvolvimento da formação econômica da sociedade como um processo histórico-natural, pode menos do que qualquer outro responsabilizar o indivíduo por relações das quais ele continua a ser socialmente uma criatura, por mais que, subjetivamente, ele possa se colocar acima delas (pp. 115-116).

Apesar de estar numa posição superior a Gregor Samsa, para Wey e Ferraz (2014) [ARTIGO 4A] o gerente também é desumanizado quando só exerce, “feliz ou infelizmente” (nas palavras de Kafka), esse papel dentro da lógica do sistema, muitas vezes sem compreendê-lo.

3.3 A desumanização e a saúde do trabalhador

Um dos artigos da Tabela 1- “A” propôs uma análise da narrativa de Franz Kafka em *A metamorfose* junto aos discursos sobre saúde do trabalhador à luz das contribuições de Mikhail Bakhtin. Castro e Leão (2020) [ARTIGO 5A] analisam no discurso dos personagens um dialogismo com discursos sobre saúde mental e trabalho, e, acerca disso, pontuam dois aspectos fundamentais sobre saúde do trabalhador a partir da obra kafkiana: a invisibilidade do sofrimento e o recurso à doença como uma estratégia de defesa (CASTRO & LEÃO, 2020) [ARTIGO 5A].

No primeiro ponto, os autores se detêm ao dilema de Gregor Samsa, um trabalhador desumanizado que sofre por não conseguir satisfazer as exigências do que é esperado em sua função, invisibilizado em sua dor e dividido entre expor sua situação à família e ao gerente ou manter-se oculto no quarto. Embora não delimitem o que consideram a causa dessa desumanização, os autores afirmam que a dualidade entre trabalhador e gerente é mediada pela imagem da porta trancada, e que esse impedimento fornecia a Gregor uma segurança em não ser visto naquela situação (desumanizado, sofrendo e angustiado) por um chefe, pois temia uma possível demissão. Assim, a porta metaforiza uma regulação da subjetividade do trabalhador e o mundo externo, no qual o capital exige constantemente a subordinação da sua força de trabalho.

Em contrapartida, na realidade contemporânea, o que acontece na invisibilidade do sofrimento é que agora os chefes passam a ver “através da porta”, pois graças aos avanços tecnológicos se tornou mais fácil controlar o trabalhador e avaliar informaticamente seus processos de trabalho, numa exigência questionável em relação às demandas de saúde mental dos trabalhadores. O sofrimento se constitui também junto à forma de executar o trabalho, pois o que é visto é tão somente um cumprimento de tarefas e não a atividade essencialmente, algo que fica ainda mais explícito quando vemos um pensamento marcante de Gregor Samsa:

Por que logo Gregor estava condenado a prestar serviços a uma empresa em que até na menor das omissões logo se levantava a maior suspeita? Se todos os funcionários eram patifes, sem exceção, será que não havia entre eles nenhuma pessoa fiel e dedicada que, embora não tivesse empenhado à empresa algumas horas da manhã, tivesse ficado louca de remorso e praticamente sem condições de sair da cama? (KAFKA, 1915/2019, p. 49).

Observando esses pontos abordados, Abílio (2020) [ARTIGO 4B] discute a uberização e as formas de trabalho mediadas por aplicativos que, em significativo número de adesão, consiste também num novo modo de gerenciamento do trabalho e da forma de pensar o trabalhador. Para a autora, a uberização demonstra uma subordinação ao trabalho em que funcionam a vigilância e o controle. As empresas propagam a ideia da flexibilidade — onde o trabalhador por si próprio fica responsável por determinar seu tempo de trabalho, sem necessariamente estar vinculado à empresa em termos legais — mas ainda exercem sobre ele um controle, pois só o remuneram com base naquilo que ele produz.

Vendo “através da porta”, o gerenciamento do trabalho agora é baseado em algoritmos, regulando e mediando com regras próprias a oferta e a demanda; e, junto a isto, se alteram o modo de remuneração, o tempo de trabalho, a identidade profissional e a saúde do trabalhador, que pode-se considerar invisibilizada dentre esses aspectos, conforme visto em Abílio (2020) [ARTIGO 4B]. O trabalhador, para garantir sua sobrevivência, se vale de extensas jornadas de trabalho, abdica do descanso e muitas vezes se submete a mais de uma adesão a essas empresas como estratégia para obter uma melhor remuneração, mesmo que para isso tenha de permanecer num trabalho “onde nada parece estar garantido” (Abílio, 2020 pp. 115) [ARTIGO 4B]. Todos esses pontos podem ser associados ao que Castro e Leão (2020) [ARTIGO 5A] consideram como invisíveis no modo de executar o trabalho, porque apesar da obtenção de dados e resultados computados algoritmicamente sobre o processo de trabalho, muitas das realidades desses trabalhadores não são consideradas em suas particularidades.

O segundo ponto levantado por Castro e Leão (2020) [ARTIGO 5A] diz respeito às estratégias de defesa do trabalhador em relação às organizações e às condições de trabalho, a primeira com impactos psíquicos, e a segunda, físicos. Os autores enfatizam que a recorrência do discurso do adoecimento é frequente no universo do trabalho (por vezes socialmente entendido como falso ou atribuído à “vagabundagem”), pois o meio produtivo fomenta o surgimento de enfermidades, e que na obra kafkiana também se apresenta como meio de justificativa para a situação de Gregor Samsa, como se evidencia a seguir:

O que aconteceria se ele alegasse que estava doente? Seria deveras embaraçoso e suspeito, pois Gregor nunca tinha estado doente durante seus cinco anos de serviço. Com certeza o chefe iria até lá com o médico do seguro-saúde, faria acusações aos pais por causa do filho indolente e contestaria todas as objeções aconselhado pelo próprio médico, para quem há apenas seres humanos totalmente saudáveis, mas avessos ao trabalho (KAFKA, 1915/2019, p. 38).

Além disso, em certos trechos da novela, Gregor expressa em pensamentos, sinais que transitam entre cansaço e dificuldades atreladas ao sono, para, todavia, questioná-los (como o suposto médico mencionado) e resumi-los em “uma sonolência supérflua” e uma “fome particularmente forte” (Kafka, 1915/2019, p 38-39); ou, então, tende a atribuir a mudança da própria voz metamorfoseada a “um resfriado potente, uma doença ocupacional dos caixeiros-viajantes” (Kafka, p. 42).

A temática saúde/doença no trabalho é abordada por Uchôa de Oliveira (2020) [ARTIGO 5B], que discorre sobre a uberização do trabalho levando em conta os impactos da pandemia do COVID-19 nos trabalhadores brasileiros inseridos nesse contexto. Segundo a autora, em simultaneidade com as mudanças de tal organização do trabalho, os aspectos relacionados à saúde dos trabalhadores também se modificaram, e no caso da pandemia, destacavam-se os riscos de contaminação da doença, porém sem a responsabilização das empresas na proteção desses trabalhadores. Além disso, a autora aponta que em 2020 o Tribunal Superior do Trabalho (TST) reconsiderou a decisão do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo de reconhecer o vínculo entre motoristas e a empresa Uber como empregatício, alegando que a autonomia de se associar à plataforma era responsabilidade dos próprios motoristas, já que a empresa apenas media o serviço prestado. Como consequência, essa e outras empresas não tinham obrigatoriedade em fornecer nenhum apoio sanitário para os trabalhadores durante a pandemia, novamente reforçando aqueles aspectos já citados de responsabilização do trabalhador.

Percebemos que, embora o discurso sobre adoecimento continue sendo uma pauta fundamental nas discussões sobre trabalho e direitos humanos, no caso dos trabalhadores mencionados não houve a possibilidade de utilizar o risco de adoecimento como estratégia de defesa diante da crise sanitária citada, haja vista as necessidades de sustento e sobrevivência atreladas à imensa adesão às empresas-aplicativo⁵.

As contribuições dos materiais analisados mostram uma faceta ainda mais atual da questão da desumanização pelo trabalho. Se Gregor Samsa estivesse situado na contemporaneidade, não seria impossível concebê-lo como um trabalhador uberizado (o

⁵ Uchôa de Oliveira (2020) [ARTIGO 5B]. Também de acordo com a autora, uma reportagem mostrava que o número de inscrições em aplicativos pós-quarentena dobraram, e empresas como o iFood obtiveram 175 mil candidatos interessados em trabalhar com entregas pelo aplicativo.

“vínculo” por necessidade de sobrevivência, a constância das viagens, a má alimentação e a ausência de descanso apropriado), também a incerteza que paira sobre sua relação com o trabalho.

Gregor Samsa não pôde se utilizar do adoecimento para mitigar os desconfortos referentes à situação; buscava, de modo incessante, contornar a própria condição para permanecer ativo e submetido ao seu cotidiano de trabalho. Mesmo que, nos termos de Casadore e Castro (2020) [ARTIGO 5A], estivesse invisibilizado em sua dor e cogitasse se valer de um adoecimento para aliviar a tensão criada, o que possuía como motivo para continuar subordinado a essas condições de trabalho se mostrou mais importante dentro de seu contexto — algo que, como visto, não o distancia da realidade de muitos trabalhadores contemporâneos.

4. CONCLUSÃO

A desumanização pelo trabalho lança suas tessituras de diferentes modos sobre os trabalhadores, mas sempre com impacto sobre suas subjetividades e seus direitos. Gregor Samsa pode ser compreendido como um modelo desse processo de impedimento da humanidade a partir do trabalho. O que deveria torná-lo ainda mais humano é justamente o que lhe supre esse sentido, é o meio pelo qual sua vida é soterrada pelo discurso do progresso e das obrigações, ao ponto de perder tudo que o compunha como humano. Nesse sentido, a literatura compreende uma das forças mais significativas à nossa disposição para demonstrar e relatar como essas questões atravessaram a história e como, a partir disso, temos nos (des)constituído até os dias de hoje.

A literatura científica sobre o processo de desumanização de Gregor Samsa abordou uma série de fatores compreendidos como parte da produção de uma humanidade: a linguagem, os direitos, as relações sociais, o contexto socioeconômico e a saúde mental, para entender de que modo a metamorfose o destituía enquanto humano.

A análise da desumanização se deu pela reverberação causada em diversos outros âmbitos, não necessariamente pelo aparente motivo que desde o início a precede: uma relação alienada de trabalho. Novamente, não se trata de isolar cada um desses aspectos (que sempre se atravessam) ou diminuir a importância dessas contribuições, nem das que se fazem a partir delas. Mas uma questão chama a atenção: se um ser humano acorda diante de uma situação absurda e, após se questionar sobre o que aconteceu, lamenta-se sobre seu trabalho, há de se considerar de extrema importância a associação feita entre ambas as coisas. Porque Gregor Samsa fala sobre o trabalho na primeira ocasião é a maior evidência da desumanização

apresentada pelo próprio trabalhador acerca do processo que, embora lhe pareça pouco importante, escancara uma realidade tão absurda quanto nos transformarmos todos em insetos.

Franz Kafka, em uma passagem de seus diários, escreve:

[...] À literatura, porém, não posso me dedicar por inteiro, como precisaria, e por diversas razões. [...] Tornei-me, portanto, funcionário de uma companhia de seguros. Só que esses dois ofícios jamais poderão tolerar um ao outro e ensejar uma felicidade comum. A menor das felicidades em um torna-se uma grande infelicidade no outro. [...] Exteriormente, cumpro minhas obrigações no escritório, mas não as obrigações interiores, e cada dever interior não cumprido transforma-se numa infelicidade que não me abandona mais (KAFKA, 1913/2021, s.p).

Como Gregor Samsa, Kafka também era um trabalhador e, quando afirma a infelicidade em não poder usufruir de sua vida interior (e esta poderia ser de qualquer ordem) fala, também, da relação desempenhada com o trabalho enquanto barreira para a plenitude da satisfação atrelada a tal experiência, ao próprio ato de trabalhar.

Cada vez que um trabalhador sacrifica sua vida interior, seus desejos, seus anseios e a potência de sua existência para ser forçado a sustentar as engrenagens do capitalismo, caminha-se num mundo repleto de *insetificados* — os quais o sistema obriga a, acima de tudo, não serem humanos.

5. REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020.

AREOSA, João. A desumanização do trabalho na era da flexploração. In: PREVITALI, F. S. et al (Eds.). *Trabalho, educação e conflitos sociais: Diálogos Brasil e Portugal*. São Paulo, p. 234-275, 2015.

ANDRADE, Mário César Rezende. O papel das revisões de literatura na produção e síntese do conhecimento científico em Psicologia. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 14, p. 1-5, 2021.

ANTUNES, Ricardo. (Org.). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004, 160 p.

BATISTA, Alfredo. Processos de trabalho: da manufatura à maquinaria moderna. *Serviço Social & Sociedade*, n. 118, p. 209-238, abr/jun 2014.

BATISTELLA, Alessandro. A Era Vargas e o movimento operário e sindical brasileiro (1930-1945). *Unesco & Ciência - ACHS*, v. 6, n. 1, p. 21-34, 2015.

BERNARDO, Márcia Hespanhol et al. A práxis da psicologia social do trabalho: reflexões sobre possibilidades de intervenção. *Psicologia Social e Trabalho: perspectivas críticas*, v. 16, 2015.

BERNARDO, Marcia Hespanhol et al. Linhas paralelas: as distintas aproximações da Psicologia em relação ao trabalho. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 34, p. 15-24, 2017.

BEZERRA, Osicleide de Lima; GOMES, Geraldo Alexandre de Oliveira. Notas sobre a história do trabalho no Brasil: A consagração em fatos, valores e músicas. *História & Perspectivas, Uberlândia*, v. 58, p. 223-236, 2018.

BORGES, Livia de Oliveira; YAMAMOTO, Oswaldo H. “Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos”. In: ZANELLI, José Carlos et al. (Orgs.). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2020, p. 25-72.

CARVALHO, Saulo Rodrigues. O golpe sobre o trabalho: retrocesso e desumanização. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 11, n. 2, p. 139-148, 2019.

CASADORE, Marcos Mariani.; CASTRO, Matheus Fernandes de. Os problemas da desumanização, do assujeitamento e das resistências frente aos imperativos socioeconômicos atuais: considerações sobre as relações sociais e de trabalho. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 209, n. XVIII, p. 23-32, 2018.

CASARIN, Sidnéia Tessmer et al. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of nursing and health*, v. 10, n. 5, 2020.

CASTRO, Alexandre de Carvalho; LEÃO, Luís Henrique da Costa. A metamorfose e o campo da saúde mental de trabalhadores: uma análise bakhtiniana. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 9, p. 3615-3624, 2020.

COSTA, Rafael de Oliveira. *O feudalismo como formação pré-capitalista europeia e o debate sobre o feudalismo no Brasil colonial*. Caruaru, 2016, 41 p. Trabalho de Conclusão de Curso - Repositório Institucional da UFPE.

CYRINO, Lucas. A metamorfose e a desumanização de Gregor Samsa. *Cadernos do IL*, n. 57, p. 101-111, 2018.

DA LUZ, Ricardo Santos; BAVARESCO, Agemir. Trabalho alienado em Marx e novas configurações do trabalho. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 17, n. 27, p. 137-165, 2010.

DATHEIN, Ricardo. Inovação e Revoluções Industriais: uma apresentação das mudanças tecnológicas determinantes nos séculos XVIII e XIX. *Publicações DECON Textos Didáticos*, v. 2, n. 3, p. 45-49, 2003.

FERREIRA, Ivo Júnior Celestino et al. *O novo mundo do trabalho no cinema: a precarização da vida*. Paraíba, 2019, 210 p. Dissertação de Mestrado - Repositório Institucional da UFPB.

FREITAS, Bruna Lorrana Texeira et al. A história do trabalho e a criação da CLT. *Revista de Direito do Trabalho, Processo do Trabalho e Direito da Seguridade Social*, v. 1, n. 1, 2020.

GOMES, Tiago Teixeira. *As crises finais dos modos de produção*. Minas Gerais, 2021, 105 p. Dissertação de Mestrado, Repositório Institucional da UFMG.

- HARVEY, David. *Para entender O Capital* - livro 1. Boitempo Editorial, 2015, 336 p.
- JUNIOR, Katiano Renato Alves de Medeiros; FALCETTI, Bruno Mesquita; LIMA FILHO, Marcos José De Oliveira. A crise estrutural do Feudalismo e a formação do capitalismo. *A Economia em Revista-AERE, Maringá*, v. 25, n. 2, p. 13, 2017.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, 175 p.
- MARX, Karl. *O Capital - Livro I: Crítica da economia política: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019, 232 p.
- KAFKA, Franz. *Diários: 1909-1923*. São Paulo: Todavia, 2021, 576 p.
- NEVES, Diana Rebello et al. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos Ebape. Br*, v. 16, p. 318-330, 2018.
- OLIVEIRA, Antonio Flávio Ferreira de; LIRA, Cleiton da Silva Duarte. DESUMANIZAÇÃO E LITERATURA: UMA VISÃO DO HOMEM FRAGMENTADO NO CONTO A METAMORFOSE DE FRANZ KAFKA. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, v. 14, n. 1, p. 63-78, 2021.
- PASQUINI, Nilton Cesar. Revoluções Industriais: uma abordagem conceitual. *Revista Tecnológica da Fatec Americana*, v. 8, n. 01, p. 29-44, 2020.
- POCHMANN, Marcio. Brasil: segunda grande transformação no trabalho?. *Revista Estudos Avançados*, v. 28, p. 23-38, 2014.
- REGO, Patrique Lamounier. *Caminhos da desumanização: Análises e imbricamentos conceituais na tradição e na história ocidental*. Brasília, 2015, 170 p. Dissertação de Mestrado, Repositório da UnB.
- RIBEIRO, Tatiana Cristina. A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR NA SOCIEDADE CAPITALISTA. *Revista Trabalho Necessário*, v. 17, n. 32, p. 242-260, 2019.
- ROTHER, Edna Terezinha.. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007.
- SAKURAI, Ruudi; ZUCHI, Jederson Donizete. As revoluções industriais até a indústria 4.0. *Revista Interface Tecnológica*, v. 15, n. 2, p. 480-491, 2018.
- SANTOS, Rosemary Conceição dos; SANTOS, João Camilo dos; SILVA, José Aparecido da. Psicologia da literatura e psicologia na literatura. *Temas em Psicologia*, v. 26, p. 767-794, 2018.
- SILVA, Érico Otávio Diniz Crispim da. As transformações no mundo do trabalho e seus impactos na qualidade de vida dos trabalhadores. *Brazilian Journal of Development*, v. 8, n. 4, p. 28012-28032, 2022.

TEIXEIRA, Clarice Maria de Sousa Portela. Do humano ao inseto: a negação da humanidade em *A metamorfose* de Franz Kafka. *MOSAICO*, v. 19, n. 1, 2021.

UCHÔA-DE-OLIVEIRA, Flávia Manuella. Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 45, p. 1-8, v. 22, 2020.

WEY, Beatriz; FERRAZ, Igor. A literatura Kafkiana e a percepção do mundo moderno. *Tempo da Ciência*, v. 19, n. 38, p. 159-174, 2012.